

Da experiência teresiana à releitura steiniana: o progresso de uma vida mística

From the Teresian Experience to the Steinian Reinterpretation: The Progress of a Mystical Life

Waldecir Gonzaga

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), Brasil

Anderson Moura Amorim

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), Brasil

Resumo

O artigo analisa o caminho interior da alma para alcançar a união mística com o divino, a partir da obra *Castelo interior ou Moradas* (1577) de Teresa de Jesus (1515-1582), sob a releitura fenomenológica de Edith Stein (1891-1942) em seu texto *O castelo da alma*. Teresa descreve o percurso místico como um castelo composto por sete moradas, representadas por estágios progressivos rumo à união com Deus nos níveis purgativo, iluminativo e unitivo. Stein, ao reler a obra teresiana, interpreta a busca de Deus no centro da alma à luz do Mistério Pascal de Cristo, oferecendo uma síntese entre mística e fenomenologia. O estudo, pautado em pesquisa bibliográfica, parte da hipótese de que o caminho interior proposto por Teresa e reinterpretado por Stein envolve tanto a transformação da alma quanto a constituição das relações divino-humanas e inter-humanas, tendo como eixos de análise as sete moradas e sua articulação com as três vias clássicas da mística, bem como a interpretação fenomenológica steiniana. A interioridade proposta por Teresa e Stein está ligada à alteridade: correlação entre o divino, o humano e as relações inter-humanas. A metáfora do castelo mostra que a alma amadurece em autoconhecimento e purificação até alcançar a união com Deus, que Stein entende como plenificação da individualidade em corpo, psique e espírito. Assim, a mística cristã configura-se como caminho de autotranscendência que integra interioridade, alteridade e compromisso ético, de modo que a união com o divino se expressa como experiência íntima e fundamento para uma vida de abertura ao outro.

Palavras-chave

Teresa de Jesus.
O Castelo da alma.
Experiência mística.
Edith Stein.
Transformação espiritual.

Abstract

The article analyzes the inner path of the soul to attain mystical union with the divine, based on *The Interior Castle or Mansions* (1577) by Teresa of Jesus (1515-1582), under the phenomenological reinterpretation of Edith Stein (1891-1942) in her text *The Castle of the Soul*. Teresa describes the mystical journey as a castle composed of seven mansions, represented by progressive stages leading to union with God through the purgative, illuminative, and unitive ways. Stein, in rereading Teresa's work, interprets the search for God at the center of the soul in the light of the Paschal Mystery of Christ, offering a synthesis between mysticism and phenomenology. The study, grounded in bibliographical research, starts from the hypothesis that the inner path proposed by Teresa and reinterpreted by Stein involves both the transformation of the soul and the constitution of divine-human and interhuman relations, taking as axes of analysis the seven mansions and their articulation with the three classical ways of mysticism, as well as Stein's phenomenological interpretation. The interiority proposed by Teresa and Stein is closely linked to alterity, understood as the correlation between the divine, the human, and interhuman relations. The castle metaphor shows that the soul matures in self-knowledge and purification until it reaches union with God, which Stein understands as the fulfillment of individuality in body, psyche, and spirit. Thus, Christian mysticism is configured as a path of self-transcendence that integrates interiority, alterity, and ethical commitment, so that union with the divine is expressed not only as an intimate experience but also as the foundation for a life of openness to the other.

Keywords

Teresa of Jesus.
The castle of the soul.
Mystical experience.
Edith Stein.
Spiritual transformation.

Introdução

A busca pela união mística com o divino tem sido um tema relevante na tradição cristã, sendo abordada por muitos místicos ao longo da história. Entre os nomes mais significativos da mística cristã, Teresa de Jesus, também conhecida como Teresa de Ávila (1515-1582), e Edith Stein (1891-1942), se destacam por suas contribuições teológicas e espirituais. Teresa, com sua obra *Castelo interior ou Moradas*, escrita nos últimos anos de sua vida (sua obra mestra escrita em 1577, cinco anos antes de sua morte), descreve o caminho místico da “alma como um Castelo, feito de um só diamante, com sete moradas” (Teresa de Jesus, 2008, p. 19), representando etapas progressivas rumo à união com Deus, “o grande Rei”. Cada uma dessas moradas está organizada dentro dos estágios da purificação, da iluminação e da transformação, com o objetivo final de alcançar a vida unitiva, onde a alma experimenta a plena união com o divino (Teresa de Jesus, 2008, p. 23).

Portanto, a obra de Teresa oferece um profundo itinerário espiritual que se alinha à busca constante pela perfeição e pela comunhão íntima com Deus.

Edith Stein, filósofa e fenomenóloga, educadora e monja carmelita, influenciada pela espiritualidade teresiana, oferece uma releitura da obra de Teresa de Jesus, colocando como centro a busca de Deus e o encontro com Ele na alma (Stein, 2013, p. 501). Para Stein, à semelhança de Teresa, a experiência mística não se limita a um processo de transformação da alma, mas representa também uma busca constante por Deus que se realiza plenamente no contexto do Mistério Pascal de Cristo (Sancho Fermín, 1993, p. 192). A chave para interpretar essa experiência mística está na vivência do sofrimento e da morte de Cristo, que possibilita à alma alcançar a união com o divino (Stein, 1950, p. 383). A mística, assim, se torna uma via de autoconhecimento e de entrega radical ao divino, integrando a experiência humana com a salvação redentora oferecida por Cristo. Stein escreveu diversos artigos sobre Teresa de Jesus, sendo o mais notável *Die Seelenburg* (*O Castelo da alma*), apêndice de sua obra magna *Ser Finito e Ser Eterno* (1936), onde explora profundamente o caminho espiritual e a transformação interior da alma, à luz da fenomenologia e da teologia cristã.

O presente estudo tem como objetivo analisar o caminho interior da alma para alcançar a união mística com o divino a partir da obra *Castelo interior ou Moradas* de Teresa de Jesus e a releitura realizada por Edith Stein. A hipótese central é que o processo místico envolve tanto a transformação interior da alma quanto a inter-relação divino-humana, e as relações inter-humanas em alteridade. A pesquisa se organiza em dois pontos principais: o primeiro, a análise das sete moradas dentro das três vias clássicas da mística; o segundo, a releitura do *Castelo interior* na fenomenologia de Edith Stein. O artigo propõe-se a contribuir para o aprofundamento teológico da mística nas obras de ambas as autoras, ao mesmo tempo em que estimula a jornada espiritual daqueles e daquelas que buscam uma união mais profunda com o divino.

Teresa de Jesus e o *Castelo interior ou Moradas*

Teresa de Jesus, ou simplesmente Teresa d'Ávila (1515-1582), foi uma mística carmelita descalça e escritora, reconhecida como uma das mais

eminentes figuras do Renascimento espanhol do século XVI (Gutiérrez, 2023, p. 143), inaugurando uma das perspectivas mais originais no campo da vida espiritual: “instaura uma dinâmica diversa, [...] a novidade do ‘ato feminino de falar’” (Teixeira, 2016, p. 66). Como reformadora da Ordem do Carmelo, na Espanha quinhentista, enfrentou, por obediência à autoridade da Igreja, o desafio de registrar seus êxtases místicos, mesmo em um contexto inquisitorial (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 857). Seu objetivo era instruir as monjas sob sua tutela no caminho interior para se alcançar a união mística com o Ser divino (Barbosa, 2006, p. 37). Ela mesmo definiu esse empenho como difícil, quase impossível, devido à natureza íntima das operações da alma, que se conectam à secreta “linguagem de Deus” iluminada pela luz divina¹.

Ao estabelecer o caminho para o mundo interior, Teresa de Jesus descreve “a alma como um Castelo feito de um único diamante ou cristal” e “assim como no céu existem muitas moradas” (2008, p. 19), ocorre o mesmo no *castelo-alma* composto por sete moradas ou globos concêntricos de fino cristal ou diamante, representando as etapas progressivas do desenvolvimento místico do humano com o divino (Alvarez, 2011, p. 180). Esse progresso espiritual, expresso através das sete moradas, foi resumido e destacado por Boarau (2012, p. 98) dentro das três etapas principais da vida interior e da oração; também foram subdivididas, conforme Álvarez, em três seções de caráter distinto e contínuo: antropológica, cristológica e trinitária.

A obra *O Castelo interior* ou *Moradas*, uma das mais conhecidas de Teresa de Jesus, descreve de forma simbólica sua experiência transcendente, que é, em si, supralinguística (Certeau, 1966, p. 10-15), como um itinerário espiritual em direção à união com Deus, “o grande Rei”. Essa jornada é apresentada como uma verdadeira viagem de “autoconhecimento, purificação e conversão” (Velasco, 1999, p. 303). Teresa propõe que se deixe a vida de pecado para abraçar a vida mística, e se achesse as etapas da via

¹ Por experiência mística, percebe-se que a sua definição faz parte da concepção triangular mística, mística e mistério, apresentada por Henrique Lima Vaz dessa maneira: “situa-se justamente no interior deste triângulo: na intencionalidade experiencial que une o místico como iniciado ao Absoluto como *mistério*”, tendo o primeiro como “o sujeito da experiência”, o segundo “o objeto” e a mística como “reflexão sobre a relação místico-mistério” (Lima Vaz, 2009, p. 18).

“purgativa”, “iluminativa” e “unitiva” (Borau, 2012, p. 98), simbolizada pelo centro do Castelo - morada mais interna onde habita a plenitude da comunhão com o divino. Segundo Renato Kirchner e Josué Andrade Alves (2020/2, p. 857), no artigo intitulado *O caminho do mundo interior em Teresa de Ávila*, Teresa enfatiza a importância da oração e da contemplação num processo, ressaltando que a busca pela união com Deus é contínua e exige esforço e entrega; mas também é repleta de amor e graça, refletindo profundamente sobre a vida interior e a relação do ser humano com o transcendente.

Andrade (2013, p. 213) argumenta que, ao descrever a alma como um castelo, Teresa faz uma alusão sutil às sete esferas planetárias da cosmovisão medieval, herdada de Aristóteles; e, da literatura de Hechalot, visualizando a alma como um reflexo microcósmico do macrocosmo celestial (López-Baralt, 2010, p. 180). Nesse sentido, de acordo com Pedrosa-Pádua (2015, p. 41), as moradas espirituais são comparadas não apenas a castelos, mas também às esferas do céu, sugerindo que o ser humano carrega dentro de si todas essas esferas celestiais. Sob essa perspectiva, Kirchner e Alves (2020/2, p. 857) explicam que Teresa, de maneira metafórica, elabora a estrutura do *Castelo-Alma* na formação do ser humano, subdividindo-o em estruturas externas e internas. As redondezas exteriores referem-se ao corpo; enquanto a estrutura interna abrange a alma e a interioridade, “sinônimo do mundo interior” (Bonaventure, 1975, p. 83), e dos locais de contato místico com o divino. Contudo, não há separação no “dualismo” teresiano, mas uma distinção entre as estruturas da alma e do corpo; pois a alma, animando o corpo, fornece vida à matéria, porque “é una, formando um todo” (Pedrosa-Pádua, 2015, p. 41). Assim, caracteriza-se um *dualismo aparente* entre corpo e alma, onde o corpo serve como espaço da presença divina, e o ser humano é concebido como uma “coisa criada” por Deus (Teresa de Jesus, 2008, p. 20).

As sete moradas do Castelo e as três vias místicas

Na imagem do *Castelo Interior*, Teresa de Jesus (2008, p. 233) apresenta o processo da união mística com Deus por meio de sete moradas, onde, cada uma, simboliza um estágio específico ou grau de interiorização-humanização no progresso da alma. No aposento mais interior, “o núcleo da alma” (Peretti;

Parise, 2020, p. 6), habita o Deus-Rei; e, no mais exterior, se encontram seis moradas que, conforme Perretti e Parise (2020, p. 6), representam um caminho marcado pelo “autoconhecimento, escuta e decisão, presença real de Deus, oração de quietude, oração de união (êxtase), enamoramento espiritual e matrimônio místico”. No itinerário espiritual da alma para Deus, através das Moradas, Teresa revela que o caminho no qual a alma percorrerá em busca da verdade não será abstrato; mas uma experiência vivida além dos simples fatos e pessoalmente experimentada. Sobre esse aspecto, Perretti e Parise argumentam que, na união mística, “não há fusão ou assimilação ou anulação do outro; o ser humano permanece criatura, e o Eu, cujo centro é o espírito, morada do Eterno, se encontra com um Deus que continua a ser um Tu totalmente Outro, o Criador de cada Eu individual” (2020, p. 6).

Borau (2012, p. 98) propõe uma divisão das sete moradas em três vias complementares: as três primeiras correspondem à via purgativa, as três seguintes à via iluminativa, e a sétima morada representa a via unitiva. Essa estrutura facilita a compreensão do itinerário espiritual, e permite interpretar as vicissitudes enfrentadas ao longo do percurso até o encontro nupcial com Deus, Sua Majestade, na última morada do Castelo. O caminho espiritual descrito por Teresa de Jesus é um processo de transformação progressiva da alma, cujas etapas são essenciais para a purificação e iluminação necessárias à união plena com Deus. Segundo Álvarez (2011, p. 176-179), essa jornada espiritual não é linear, pois as almas podem avançar ou retroceder nos estágios, dependendo da graça divina e do esforço contínuo. Cada Morada reflete uma fase de progresso espiritual, tendo por objetivo final atingir a sétima Morada, onde ocorre a união mística completa com o divino. Esse percurso exige não apenas ascensão mística, mas também uma vivência pessoal profunda, marcada por compromisso e entrega total à vontade de Deus.

A vida purgativa: Abandono do mundo e compreensão de Deus

Nas primeiras Moradas, encontramos o estágio inicial, onde a alma começa a despertar para a vida espiritual, “entrando no aposento do conhecimento próprio” (Teresa de Jesus, 2008, p. 31), frequentemente após

uma conversão ou um momento de renovação interior. É um tempo de grandes inquietações. A alma começa a reconhecer a importância da oração e da busca por Deus, mas ainda permanece fortemente ligada às preocupações mundanas. À medida que avança nas primeiras Moradas e ingressa mais profundamente em seu interior, “pois lá habitará Sua Majestade” (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 860), a alma adquire um conhecimento mais profundo de si mesma e de sua própria condição, levando-a a perceber sua baixeza. Esse autoconhecimento, por sua vez, provoca uma contemplação da grandeza de Deus. Esses dois conhecimentos se sustentam mutuamente e nunca são plenamente alcançados; ao contrário, devem ser constantemente revisitados à medida que a alma se empenha em aprofundar sua jornada espiritual. Essa interação entre o reconhecimento da fragilidade humana e a admiração pela grandeza divina é essencial para o progresso espiritual, preparando o terreno para as etapas seguintes no caminho do autoconhecimento e da união com Deus.

Nas segundas Moradas, a alma experimenta um desejo mais profundo de comunhão com Deus, dedicando-se mais intensamente à oração e à vida espiritual. Neste estágio, ela começa a enfrentar os desafios da vida interior, como a luta contra as distrações durante a oração. Embora ainda esteja presa ao mundo exterior, como ocorria na primeira Morada, a alma já começa a ouvir alguns “chamados de Deus” (Teresa de Jesus, 2008, p. 42) que se manifestam através de apelos vindos do exterior, como sermões, leituras espirituais ou até mesmo doenças e eventos que parecem providenciais. Essa nova percepção a impulsiona a buscar um relacionamento mais autêntico com o divino, preparando-a para um aprofundamento espiritual ainda maior nas etapas seguintes.

Nas terceiras Moradas, a alma avança ainda mais em sua busca por Deus, experimentando momentos de consolação divina, alegria profunda e uma intensa sensação da presença de Deus em sua vida. Contudo, essas experiências de graça podem ser intercaladas com períodos de aridez espiritual, desafiando a perseverança da alma (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 860). Neste estágio, “as almas acolhem de coração os chamados de Deus e se esforçam constantemente para ordenar sua vida conforme a vontade divina”

(Stein, 2013, p. 503), sobretudo ao que se refere ao exercício concreto das “obras de caridade para com o próximo” (Teresa de Jesus, 2008, p. 56). Elas agradecem a Deus pelas provações que enfrentam, reconhecendo que também são agraciadas por diversas formas de consolação. Segundo Edith Stein (2013, p. 503), Teresa destaca que, apesar do esforço natural em busca do encontro com Deus, a alma começa a pressentir um caminho sobrenatural, mesmo que ainda não se manifeste de forma clara, como ocorrerá nas Moradas seguintes. Essa fase representa um importante equilíbrio entre a luta interior e a abertura à graça, preparando a alma para um aprofundamento espiritual mais significativo (Teresa de Jesus, 2008, p. 56).

As três primeiras Moradas oferecem um caminho para que o indivíduo possa avançar até as Moradas interiores onde reside Deus, enfatizando a importância do “amor ao próximo” (Lv 19,18.43; Rm 13,9; Gl 5,14; Tg 2,8) (Gonzaga, 2016, p. 15-39; 2018, p. 207-228; 2023a, p. 159-197; 2023b, p. 271-300; 2023c, p. 301-320), da renúncia ao julgamento, do autoconhecimento, da humildade e da interiorização, bem como do desejo por Deus. Rossi (1988, p. 196) destaca que, ao seguir este caminho de purgação, é fundamental cultivar a superação do “eu” rigidamente defendido e do apego às coisas e às pessoas, até que se chegue à oração e ao recolhimento contemplativo (Teresa de Jesus, 2008, p. 23). Esse processo de autodestruição e transformação passa por dois pilares essenciais: o autoconhecimento e a caridade (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 861). Segundo Teresa, a prática da “desnudação e despojamento” é importante; ao libertar-se de si mesma e dos bens materiais, a alma se prepara para ascender aos “apostos superiores”, evitando a estagnação que aflige aqueles que não conseguem se doar plenamente (Teresa de Jesus, 2008, p. 58). Assim, a verdadeira evolução espiritual exige um desprendimento que possibilite a verdadeira relação com o divino (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 861).

A via iluminativa: um arrebatamento em Deus

A via iluminativa, que corresponde às quartas, quintas e sextas Moradas, é um período em que a alma vivencia uma intensificação das experiências místicas e um profundo desejo de se entregar completamente a Deus. Nesse

estágio, a oração assume um grau elevado, permitindo a recepção dos “favores sobrenaturais” da Majestade divina. A forma de oração a que a alma se entrega neste momento é a “oração da quietude” (Stein, 2013, p. 504), que emerge dos “gostos de Deus” (Teresa de Jesus, 2008, p. 80), oriundos do próprio manancial divino (Teresa de Jesus, 2008, p. 81). Esses gostos, partindo de Deus, alcançam a alma sem qualquer esforço próprio, desprovidos da intervenção do entendimento e da imaginação. Segundo Peretti e Parise (2020, p. 8), Teresa de Ávila explica que tais experiências “dilatam o coração” e se manifestam até no corpo, evidenciando uma compreensão, ainda que intuitiva, de que os âmbitos corpóreo, anímico e espiritual estão entrelaçados na constituição da pessoa humana. Essa integração é fundamental, pois revela como a experiência espiritual permeia todos os aspectos da vida do indivíduo, conduzindo-o a uma união mais profunda com o divino (Teresa de Jesus, 2008, p. 84).

Os favores espirituais se concretizam a partir das quintas e sextas Moradas, onde a alma experimenta uma profunda união com Deus. Teresa descreve frequentemente essa experiência como “arroubamentos” ou “êxtase místico” (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 862) resultante de momentos intensos de oração e entrega, nos quais a alma se sente como se estivesse fora de si, “sem sentidos” (Teresa de Jesus, 2008, p. 101). Conforme Kirchner e Alves (2020/2, p. 862), essa vivência é inegável, pois, por mais que o ser humano se esforce, não é o sujeito do processo, mas o próprio Deus, o Amado, quem possibilita esta imersão no centro da alma. Não se trata de uma elevação terrena, mas de uma retirada interior que a alma se percebe como puro espírito; é a verdadeira união de vontades (Teixeira, 2016, p. 99), um “matrimônio espiritual” (Pedrosa-Pádua, 2015, p. 45). Segundo Stein, “o corpo fica como que sem vida e as potências da alma estão em repouso: nem imaginação, nem memória, nem entendimento podem impedir este bem” (2013, p. 507). Kirchner e Alves (2020/2, p. 863) argumentam que essa experiência implica uma “total submissão ao Senhor, um roubo de si mesma para dentro de si, em que Deus apropria-se completamente da alma, que, na sua pequenez, permanece como morta para o mundo”. “Neste estado sua inteligência de nada vale” (Reynaud, 2022, p. 115).

Apesar do repouso das faculdades, ao retornar ao estado habitual, a pessoa se recorda de tudo o quanto vivenciou (Teresa de Jesus, 2008, p. 83). Segundo Kirchner e Alves (2020/2, p. 863), ela pode questionar a veracidade da experiência, perguntando-se se é fruto da imaginação ou de uma tentação do demônio. No entanto, pela grandeza da virtude e da paz recebidas, Teresa afirma: “Ao voltar a si, de forma alguma duvidava de que esteve em Deus e que Deus estava nela” (Teresa de Jesus, 2008, p. 104). Teresa observa que as sextas e sétimas Moradas não são claramente separadas, pois Deus, do núcleo da alma onde habita, fecha as portas do Castelo para manter a alma em êxtase. Nesse sentido, é perceptível que nas sextas Moradas, a alma vive um paradoxo: deseja intensamente estar a sós com Deus, anseia pela morte para se unir a Ele, mas também “sente a urgência de estar no mundo, buscando ajudar outras almas a louvar a Deus” (Stein, 2013, p. 515). Desse modo, Teresa orienta as monjas a continuarem no caminho da meditação, especialmente focando na Humanidade de Cristo (Teresa de Jesus, 2008, p. 119), pois ainda não alcançaram o fim do percurso interior, que se completa nas sétimas Moradas.

A via unitiva: um “matrimonio espiritual”

As sétimas Moradas representam o estágio mais elevado do caminho espiritual, “encontra-se o que é descrito como o mais íntimo do Castelo da alma, o mais profundo do ser, fundo, abismo do ser” (Pedrosa-Pádua, 2015, p. 43), onde a alma atinge uma união completa e permanente com Deus (Pedrosa-Pádua, 2015, p. 43). Neste nível, a transformação pela graça divina é total, e a alma experimenta uma profunda comunhão com o Criador. Há uma fusão entre a alma e a Luz divina. Aqui, ocorre o matrimônio místico (Teresa de Jesus, 2008, p. 228), onde Deus se torna uma companhia constante, mesmo que a visão d’Ele não seja sempre clara (Peretti; Parise, 2020, p. 9). A alma começa a desprender-se de seus sentidos e perde o controle sobre si, pois é Deus quem a desposa (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 867). O Senhor retira as escamas dos olhos da alma e se apresenta a ela de modo intelectual em uma experiência mais sutil que nas etapas anteriores (Teresa de Jesus, 2008, p. 235). Assim, as núpcias espirituais, um fenômeno

místico aguardado, culminam na união com o “Rei da eterna luz e grandeza divina” (Kirchner; Alves, 2020/2, p. 868). A alma, então, eleva-se ao principado celeste, tornando-se uma com Deus pela junção de vontades, participando da maior dádiva possível: a união celestial com Sua Majestade (Teresa de Jesus, 2008, p. 239).

Teresa enfatiza que essa trajetória espiritual não é linear, permitindo que as almas avancem e retrocedam conforme a graça divina (Teresa de Jesus, 2008, p. 119). Kirchner e Alves (2020/2, p. 867-868) corroboram essa ideia, destacando que cada morada representa um passo em direção à união com Deus na sétima Morada. As consequências dessa jornada vão além das alegrias divinas, pois “eis a finalidade deste matrimônio espiritual: que dele nasçam obras, sempre obras!” (Teresa de Jesus, 2008, p. 254) Assim, Teresa incita a prática contínua da caridade, onde o amor se torna essencial para a realização espiritual. Nesse contexto, Stein (2019, p. 472) observa que a união mística transforma a “alma vivente” no “espírito que dá vida”, capaz de formar um “corpo espiritual”, ressaltando ainda mais a importância das ações concretas nesse caminho.

Edith Stein e o Itinerário das *Sete Moradas*: Uma Perspectiva Fenomenológica

O presente artigo não se propõe a oferecer uma exposição detalhada sobre Edith Stein (1891-1942), discípula e leitora assídua de Teresa de Jesus, renomada mística espanhola. Ainda assim, é possível delinear o encontro entre ambas por meio do carisma e dos escritos teresianos, destacando-se a releitura fenomenológica que Stein realiza da obra *Castelo Interior*². Nesse processo, ela interpreta o itinerário místico das sete moradas como uma experiência estruturada da alma, articulando introspecção, transformação interior e relação com o divino, integrando a tradição teresiana à reflexão filosófica e à fenomenologia da espiritualidade.

² Atualmente, existem várias introduções sobre a vida de Edith Stein; uma delas é a famosa biografia sobre a autora organizada por sua amiga Elisabeth Miribel, com o título original: *Edith Stein: a virgem do Carmelo*. O livro pode ser encontrado na tradução brasileira, pela Editora Santuário, *Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo* de 2015.

O contato decisivo de Stein com Teresa ocorreu no verão de 1921, na casa de sua amiga e filósofa Hedwig Conrad-Martius, quando teve acesso ao *Livro da Vida*. Esse momento marcou sua conversão ao cristianismo, culminando com o batismo, no qual adotou o nome “Teresa” (Miribel, 2015, p. 59; Herbstrith; Richard, 1998, p. 17; Rojo, 2022, p. 16). A influência de Teresa acompanhou-a ao longo de toda a vida: ao ingressar no Carmelo Descalço de Colônia-Lindenthal, em 1933, assumiu o nome religioso de Irmã Teresa Benedita da Cruz, afirmando em carta: “sou uma filha de Santa Teresa, graças à qual me converti” (Carta de 17 de outubro de 1933 ao Sr. Fritz Kaufmann).

Inspirada pela espiritualidade teresiana, Stein concentra-se na busca de Deus e na experiência do encontro divino na alma, interpretando a mística à luz do Mistério Pascal de Cristo (Sancho Fermín, 1993, p. 192; Silva, 2021, p. 113). Em *Die Seelenburg (O Castelo da Alma)*, 1936), apêndice de *Ser finito e ser eterno*, realiza uma análise fenomenológica do caminho espiritual delineado por Teresa, oferecendo uma releitura que articula introspecção, experiência transformadora e compreensão filosófico-teológica da mística cristã³.

O percurso interior da alma nas sete moradas

Em *Die Seelenburg* (o Castelo da Alma), Edith Stein apresenta, passo a passo, a conquista interior da alma, interpretando a obra teresiana *Castelo interior ou Moradas*. Inspirada na intuição de Teresa de Jesus, Stein destaca o cuidado interior como vital e abrangente, envolvendo toda a pessoa humana. A metáfora do castelo, com suas diversas moradas, simboliza a união mística como transformação da alma em espírito doador de vida, articulando interioridade, alteridade e a correlação complexa entre o divino e o humano (Manganaro, 2016, p. 98; Peretti, 2019, p. 294; Stein, 2002, p. 147).

³ Os textos de Edith Stein sobre Teresa de Jesus: *Amor com amor. Vida e obra de Santa Teresa de Jesus (Liebe un Liebe. Leben und Werk der heiligen Theresia von Jesus*, de 1934), sendo o primeiro escrito de Stein como carmelita; *Uma mestra na educação e na formação: Teresa de Jesus (Eine Meinstern der Erziehungs und Bildungsarbeit: Theresia von Jesus*, de 1934). Stein também fez alguns comentários sobre o *Castelo interior* de Teresa de Jesus no capítulo VII de *Ser finito e ser eterno*; além de algumas poesias.

Ao analisar o pensamento teresiano, Stein integra seu ponto de vista antropológico-fenomenológico ao conceito místico, interessando-se pela constituição do ser humano aberto à alteridade, ao mundo e a Deus. Para a autora alemã, a descrição da alma feita por Teresa de Jesus é fundamental, pois permite aprofundar a compreensão da experiência mística e evidencia a dimensão central que constitui a alma, validando a análise fenomenológica da estrutura subjetiva humana (Ales Bello, 2007, p. 71; 2002, p. 23-24).

Na introdução de *Die Seelenburg*, Stein (1950, p. 383; 2002, p. 117) explicita o objetivo e o método de sua análise: compreender como a constituição graduada do ser humano revela características essenciais da alma, entendida como centro do complexo físico-psíquico-espiritual que constitui o ser humano. Para isso, recorre ao tratado místico teresiano, que fornece experiências fundamentais sobre a vida interior, destacando-se pela riqueza da vivência mística da autora espanhola e sua capacidade de expressar essas experiências de forma inteligível (Stein, 2002, p. 117).

Edith Stein, ao analisar o *Castelo interior*, descreve o percurso das sete Moradas da alma segundo Teresa de Jesus. Nas primeiras Moradas, a oração e o autoconhecimento abrem o caminho para Deus (Stein, 2002, p. 119); nas segundas, a alma percebe os chamados divinos ainda vivendo no mundo (Stein, 2002, p. 120); Nas terceiras, orienta sua vida à vontade de Deus, dirigindo suas consolações emocionais a Ele (Stein, 2002, p. 120-121); Nas quartas, inicia-se a vida na graça mística, com os dons divinos fluindo para a alma e destacando-se a oração de quietude (Stein, 2002, p. 121-122); Nas quintas, a oração de união confirma a presença divina e a colaboração para a salvação das almas (Stein, 2002, p. 125-127); Nas sextas, a alma enfrenta provas e cresce o desejo da união duradoura (Stein, 2002, p. 129-131, 136), enquanto nas sétimas Moradas ocorre a união plena, com iluminação espiritual, visão intelectual da Trindade e matrimônio espiritual com Cristo, consolidando a transformação interior e a abertura ao divino (Ales Bello, 2002, p. 27).

Em *Die Seelenburg*, Edith Stein demonstra como o percurso interior delineado por Teresa de Jesus no *Castelo interior* revela a transformação da alma em espírito aberto ao divino. A análise fenomenológica evidencia a

articulação entre interioridade, alteridade e correlação divino-humana, mostrando que a experiência mística não é apenas emocional, mas estruturalmente constitutiva do ser humano. Ao interpretar as sete Moradas, Stein ressalta a progressão da alma da oração inicial à união plena com Deus, consolidando a maturação espiritual. Assim, a autora alemã valida a riqueza do pensamento teresiano, ampliando a compreensão da vida interior como via de autotranscendência. O estudo confirma que a mística, como transformação e abertura ao divino, integra experiência, razão e existência, oferecendo uma visão profunda da alma humana (Stein, 2002, p. 136-137).

Entre Psique e Seele: A Compreensão Fenomenológica da Alma

Edith Stein propõe uma ontologia da pessoa humana, articulando corpo, alma e espírito como dimensões inseparáveis. Em sua tese *Sobre o problema da empatia* e no estudo *A estrutura da pessoa humana*, analisou essas esferas de forma analítica, reconhecendo que o ser humano não pode ser pensado fragmentado (Kusano, 2014, p. 69; Lavigne, 2016, p. 107; Rus, 2015, p. 54; Stein, 2003a, p. 596; 2005b, p. 121). Essa abordagem fundamenta a compreensão da alma como núcleo integrador da existência, fornecendo base para seu estudo fenomenológico e místico, especialmente em diálogo com a tradição teresiana.

Segundo Angela Ales Bello (2007, p. 69-73; Kusano, 2014, p. 74), o tratado de Stein sobre a alma é uma síntese complexa e rigorosa, distinguindo entre alma sensível (*psique* ou *Gemüt*) e alma espiritual (*Seele*) (Kusano, 2014, p. 75; Lavigne, 2016, p. 115-116; Stein, 2007a, p. 373; Stein, 2003b, p. 183), articulando dimensões naturais, psíquicas e espirituais. A *psique* contém qualidades sensíveis e espirituais, condicionadas ao corpo e à energia vital, enquanto a alma espiritual caracteriza o centro da individualidade humana (Parise, 2018, p. 79-130), conferindo liberdade, unidade e abertura à transcendência. A distinção entre *Gemüt* e *Seele* evidencia a diferença entre vivência periférica e experiência central, estruturando a interioridade do ser humano (Kusano, 2014, p. 88; Stein, 2007a, p. 236-246; 2007b, p. 105).

Em obras como *Causalidade psíquica, Potência e ato* e *Ser finito e ser eterno*, Stein desenvolve o conceito de núcleo da alma (*Kern*), identificado

como imutável, singular e simples, análogo ao espírito divino (Ales Bello, 2015, p. 113; Alfieri, 2014, p. 77-81; Zilles, 2017, p. 369). Em *Die Seelenburg* (Stein, 1950, p. 406; 2002, p. 147), ao reinterpretar o *Castelo interior* de Teresa de Jesus, evidencia-se que a alma, enquanto forma da corporeidade e essência espiritual, articula vivência interior, alteridade e abertura ao divino. Assim, a reflexão steiniana revela a complexa dinâmica entre constituição humana, experiência mística e desenvolvimento da consciência do eu profundo (Stein, 1950, p. 406; 2002, p. 147).

Considerações finais

A análise do Castelo interior de Teresa de Jesus evidencia que a trajetória mística da alma se organiza em sete moradas, progressivamente orientadas à purificação, iluminação e união com Deus. Cada morada simboliza etapas de autoconhecimento, desprendimento e aprofundamento da vida interior, articulando experiências espirituais e emocionais à prática da caridade e à abertura à presença divina. O percurso descrito por Teresa demonstra que a união mística é fruto de esforço humano, da graça divina e da transformação contínua da alma.

Edith Stein, ao reinterpretar a obra teresiana em *Die Seelenburg*, destaca a dimensão fenomenológica dessa experiência, enfatizando a interioridade como espaço estruturante do ser humano. Para Stein, a alma integra corpo, psique e espírito, e seu desenvolvimento místico envolve não apenas consolação emocional, mas transformação profunda da consciência. A releitura fenomenológica evidencia a articulação entre alteridade, vida interior e abertura ao divino, validando a centralidade da experiência subjetiva na busca espiritual.

As etapas da via iluminativa e unitiva, nas quartas a sétimas moradas, revelam que a oração, o recolhimento e a união mística não são meros estados sentimentais, mas processos estruturais de elevação do espírito. Stein evidencia que a alma, ao atingir seu núcleo mais íntimo, aproxima-se de Deus em plenitude, tornando-se “espírito doador de vida”, capaz de integrar vivência interior, responsabilidade ética e missão em favor de outros. Assim, a

mística se manifesta como transformação pessoal e como engajamento existencial.

Em suma, o diálogo entre Teresa e Stein reforça que a mística cristã é uma via de autotranscendência, articulando experiência subjetiva, dimensão corporal, espiritualidade e razão. O Castelo interior e sua releitura fenomenológica demonstram que a união com o divino é simultaneamente interna e relacional, envolvendo abertura à graça, integração da alteridade e conformação ética. Dessa forma, o estudo evidencia que a mística não apenas transforma a alma, mas fundamenta a compreensão do ser humano enquanto sujeito pleno, livre e capaz de participação ativa no mundo e em Deus.

Referências

ALES BELLO, Angela. Introduzione per Natura, persona e mistica. In: STEIN, Edith. *Natura, persona e mistica: per una ricerca cristiana della verità*. 3. ed. Roma: Città nuova editrice, 2002, p. 5-28.

ALES BELLO, Angela. A questão do sujeito humano na perspectiva fenomenológica. In: CARVALHO, Ana Maria; MOREIRA, Lúcia (org.). *Família, subjetividade e vínculos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 59-82 (Coleção família na sociedade contemporânea).

ALES BELLO, Angela. *Pessoa e comunidade*. Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

ALVAREZ, Tomás. *100 fichas sobre Teresa de Jesus*. Belo Horizonte: Código comunicação, 2011.

ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro. As fontes místicas e cosmológicas do “Castelo Interior” de Teresa D’Ávila. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 208-215, 2013.

BARBOSA, Luciana Ignachiti. *De amor e de dor: a experiência mística de Teresa D’Ávila*. Juiz de Fora: Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, 2006.

BONAVENTURE, Léon. *Psicologia e vida mística: contribuição para uma psicologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1975.

BORAU, José Luís Vásquez. *Os místicos das religiões: a mística e o futuro da religião*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CERTEAU, Michel de. Culturas e Espiritualidades. *Concilium*, n. 9, p. 5-26, 1966.

GONZAGA, Waldecir. O amor de Deus e do próximo na Gaudium et Spes 16 e 24. In: FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Gaudium et Spes em questão*. Reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 15-39.

GONZAGA, Waldecir. Os pobres, o amor ao próximo e a prática do bem em Gálatas 2,10; 5,14 e 6,9. In: COSTA, C. L. F.; COSTA, L. A. F. P.; SILVA, V. (orgs.). *Justiça e Santidade entre o Ideal Humano e o Divino*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018, p. 207-228.

GONZAGA, Waldecir; BUSTAMANTE, Rosendo J. O “amor ao próximo” como fundamento da ética bíblica a partir de Gálatas 5,13-14. In: GONZAGA, Waldecir. [et al.]. *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento*. (e-book e impresso). Porto Alegre: Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023a, p. 159-197. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-05>

GONZAGA, Waldecir; FLORES DOS SANTOS, Diogo P. Tiago 2,5-9: “o amor ao próximo” como lei régia e como princípio normativo Cristão. In: GONZAGA, Waldecir [et al.]. *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento*. (e-book e impresso). Porto Alegre: Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023b, p. 271-300. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-09>

GONZAGA, Waldecir; SOUZA, Rodrigo S. Amar o irmão é condição para amar a Deus em 1João 4,7-5,4. In: GONZAGA, Waldecir [et al.]. *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento* (e-book e impresso). Porto Alegre: Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023c, p. 301-320. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-10>

GUTIÉRREZ, Jorge Luís Rodriguez. *A filosofia mística de Teresa de Ávila*. Revista Caminhando, v. 8, n. 1, p. 127-157, 2023.

HERBSTTRITH, Waltraud.; RICHARD, Marie-Dominique. Conversão. *Revista mensageiro de Santa Teresinha - Edith Stein: a loucura da cruz*, Edição

especial pela canonização de Santa Teresa Benedita da Cruz, p. 15-18, Ordem dos Irmãos Descalços da B.V.M do Monte Carmelo, São Paulo, 1998.

KIRCHNER, Renato; ALVES, Josué Andrade. O caminho do mundo interior em Teresa de Ávila. *Reflexus*, ano XIV, n. 24, p. 851-870, 2020/2.

KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & letras, 2014.

LAVIGNE, Jean-Françoise. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista O pensamento de Edith Stein: Escritos críticos*, Faculdade Dehoniana, ano 15, n. 2, p. 101-124, jul./dez. 2016.

LIMA VAZ, Henrique Claudio de. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2009.

LÓPEZ-BARALT, Luce. Teresa of Jesus and Islam: The Simile of the Seven Concentric Castles of the Soul. In: Hilaire KALLENDORF (ed.), *A New Companion to Hispanic Mysticism*. Danvers: BRILL, 2010, p. 175-199.

MANGANARO, Patrícia. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*. Curitiba: Juruá, 2016.

MIRIBEL, Elisabeth de. *Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2015.

PARISE, Maria Cecília Isato. Individualidade, corporeidade e percepção do outro. In: PERETTI, Clelia; DULLIUS, Vânia Fátima (orgs.). *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Appris, 2018, p. 79-130.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PERETTI, Clelia. *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*. Curitiba: Appris, 2019.

PERETTI, Clélia; ISATTO PARISE, Maria Cecilia. As moradas da alma na perspectiva fenomenológica de Edith Stein. *Reflexão*, S. l., v. 45, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/5025>. Acesso em: 28 nov. 2024.

REYNAUD, Elisabeth. *Teresa de Ávila ou divino prazer*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ROJO, Ezequiel García. La seducción de Teresa en Edith Stein. *Revista Teresa de Jesús*, n. 237, p. 14-18, may./jun. 2022.

ROSSI, Rosa. *Teresa de Ávila: biografia de uma escritora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

RUS, Eric. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SANCHO FERMÍN, F. J. Acercamiento de Edith Stein a san Juan de la Cruz. *Revista Teresianum*, XLIV, p. 169-198, gen/jul. 1993.

SILVA, Luiz Carlos. *Edith Stein: diálogo judaico-cristão*. São Paulo: Ideias & letras, 2021.

STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 2013. (Edith Stein Gesamtausgabe - ESGA, v. 11/12.

STEIN, Edith. Die Seelenburg. In: STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins - (ESW II)*. Basel, Freiburg, Wien: Herder, 1950.

STEIN, Edith. Il Castello interiore. In: STEIN, Edith. *Natura, persona e mistica: per una ricerca cristiana della verità*. 3. ed. Roma: Città nuova editrice, 2002, p. 115-147.

STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. In: STEIN, Edith. *Obras completas II: escritos filosóficos - etapa fenomenológica*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005a. p. 657-917.

STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. In: STEIN, Edith. *Obras completas II: escritos filosóficos - etapa fenomenológica*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005b, p. 71-204.

STEIN, Edith. Acto y potencia: estudios sobre una filosofía del ser. In: STEIN, Edith. *Obras completas III: escritos filosóficos - etapa de pensamiento cristiano*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007a, p. 223-536.

STEIN, Edith. Naturaleza, libertad y gracia. In: STEIN, Edith. *Obras completas III: escritos filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007b, p. 55-128.

STEIN, Edith. *Ser finito e ser eterno*. Rio de Janeiro: Fiorense Universitária, 2019.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. In: STEIN, Edith. *Obras completas IV: escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003a, p. 553-749.

STEIN, Edith. Sobre el concepto de formación. In: STEIN, Edith. *Obras completas IV: escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003b, p. 177-194.

TEIXEIRA, Faustino. As moradas de Teresa. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 76, n. 301, p. 75-109, jan-mar. 2016.

TERESA DE JESUS, Santa. *Castelo interior ou moradas*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VELASCO, Juan Martin. *El fenómeno místico*. Estudio comparado. Madri: Trotta, 1999.

ZILLES, Urbano. Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal (orgs.). *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia e educação*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 369-394.

Trabalho submetido em 10/09/2025.
Aceito em 15/01/2026.

Waldecir Gonzaga

Doutor (2006) e Mestre (2000) em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália). Possui um Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil, 2017) e outro pela PUC-RS (Porto Alegre, Brasil, 2025). Atualmente é diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/369991>). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5929-382X>. E-mail: waldecir@hotmail.com.

Anderson Moura Amorim

Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2024). Docente na Faculdade Católica de Feira de Santana, FCFS. Trabalho realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9746-7798>. E-mail: christo.moura@hotmail.com.